



A SÁTIRA INVADE A ACADEMIA

Alvaro Santos Simões Junior
Universidade Estadual Paulista¹

FRANCHETTI, Paulo. *Escarnho*. Il. de Alexandre Benoit. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

O que move um poeta satírico são a indignação e o desejo de melhorar o mundo. De apurado senso ético, o satírico dirige sua agressividade contra tudo que se distancie do mundo ideal com que sonha. Entretanto, o que diferencia o satírico dos moralistas rasteiros, que se atribuem o papel de palmatória do mundo, é a elaboração estética dos seus textos. Nos bons satíricos, a consciência artística deixa muitas vezes em segundo plano os propósitos *corretivos*. Desse fato, decorre certo “paroxismo verbal” que leva o satírico a embrenhar-se em um jogo de rimas, ritmo, imagens etc. Com isso, perde-se de vista a justa medida, a proporção entre o vício ou erro que se quer combater e a linguagem que se emprega em sua denúncia e condenação. Assim, não se vá pedir ao satírico, já irritado com as mazelas que vê à sua volta, moderação, equilíbrio, piedade, compaixão... O satírico pode deliciar-se de tal forma com o uso do seu *látigo verbal* que vem a desenvolver um vício igualmente condenável: o sádico prazer de ferir, humilhar e rebaixar.

Paulo Franchetti, que é pesquisador e professor universitário, apresenta-se agora como poeta satírico e, de imediato, coloca-se no nível de Gregório de Matos, Olavo Bilac, Tomás Antônio Gonzaga, Emílio de Meneses e Bocage, grandes satíricos que se expressaram em língua portuguesa. Nos versos de

¹ Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Bolsista da CAPES - processo n. 0923/10-9.

Escarnho (2009), livro de que aqui se trata, há inclusive fortes vestígios de fecunda convivência com esses mestres.

Encontram-se no pequeno volume com belíssimas capas de papelão, entre outros poemas, dezenove sonetos, o que revela, da parte de Franchetti, uma acentuada preferência por essa forma poética. Tal predileção vem combinar-se a uma outra: a dos decassílabos heróicos, aos quais se entrelaçam ocasionalmente alguns sáficos. Tanto a forma fixa quanto a modalidade de verso privilegiados pelo poeta têm largo emprego na poesia satírica, pois são estruturas consagradas, que estão associadas à melhor poesia escrita em língua portuguesa. Camões, por exemplo, dignificou o soneto e associou à epopeia o verso com cesura na sexta e na décima sílabas poéticas, que se torna, por isso, o verso *heróico* por excelência. De Gregório de Matos a Emílio de Meneses, os satíricos empregaram o soneto e o decassílabo heróico, tradicionalmente vinculados a temas elevados e personagens nobres ou respeitáveis, para tratar de assuntos e pessoas desprezíveis. A nobreza da forma acentua, pelo contraste, o caráter abjeto, indigno ou vulgar dos alvos visados pelos satíricos e, assim, suscita o riso.

Como se vê, esse contraste cômico constrói-se com um dos instrumentos mais poderosos empregados pelos satíricos: a paródia. Em *Escarnho*, encontram-se paródias de autores mais ou menos conhecidos como Gregório de Matos, Casimiro de Abreu e Juó Bananére, para citar apenas três exemplos. Grandes obras satíricas como, por exemplo, *A modest proposal*, de Jonathan Swift, de acentuado engajamento político-social, são em igual medida paródias de obras ou discursos bem conhecidos.

Um satírico geralmente reage às mazelas que vê à sua volta. Gregório de Matos atirava suas farpas contra os viciosos que divisava na sociedade colonial: a nobreza caramuru, de suposta ascendência indígena, e os mulatos pretensiosos, protegidos por figurões da terra. Acadêmico, Franchetti elege como suas cabeças-de-turco prediletas seus colegas intelectuais, mas, logo se vê, não os autênticos, e, sim, os vaidosos, os arrogantes, os carreiristas, os medíocres, os aliciadores de acólitos ou compadres... Como pano de amostra,

transcreve-se um soneto em que se realiza a descrição de um *departamento de ensino*:

Um corredor de baias bem trancadas,
Em cada baia um trio de bom zurrar.
Com orelhas bastante avantajadas,
Não há que refletir, ou meditar!

O corredor é rubro, como o inferno,
Em cada ponta a grade é bem trancada.
Não vá fugir (é a ideia) algum interno,
Ou debandar, em massa, a burricada!

Mas são felizes todos nas saletas:
Rumina cada qual sua ciência,
Com pouca ideia e muita flatulência.

É mágico o recinto, e é de babar:
Não há em outra parte do planeta,
Um ruminante que é também luar! (p.30)

Flatulência é um eufemismo raro na poesia satírica de Franchetti, que prefere o termo próprio e, muitas vezes, de extração popular. Não há concessões para o assim chamado discurso *politicamente correto*. Como já se disse, a indignação ou o sadismo do satírico o conduz com frequência a um destempero verbal. Em alguns textos de *Escarnho*, a agressividade discursiva *parece* gratuita, pois o propósito corretivo de caráter moral *quase* cede lugar ao prazer proporcionado pelo escárnio. Veja-se um exemplo:

Quando ela passa, eu fico a meditar:
Como errar pôde tanto a natureza,
Dispondo-lhe na bunda tal magreza
E no resto um excesso de aterrar!

O nariz, como um ferro de podar,
O beijo bambo, a bigodeira tesa,
A dentadura suja, e, sem surpresa,
Orelhas como leques, a abanar.

E dos queixos ao cu já referido,
Escorre um corpo magro e pelancudo,
Do qual dizer “horror!” é dizer tudo.

Pra tempero final, é bem fedido,
De morra de cigarro e sovaquinho,
Esse monstro admirável e mesquinho! (p.33)

Como se nota, a crítica moral fica confinada ao último verso, ou melhor, à última palavra. Assim como a mulher feia, outra vítima recorrente do satírico é o homossexual maduro ou, para seguir o diapasão de *Escarnho*, o *velho pederasta*. Em ambos os casos, pode-se dizer que a deformidade ou a *perversão* física são essencialmente manifestações externas do mal de natureza ética ou moral que corrói a personagem por dentro.

Ao final da leitura de *Escarnho*, há somente a lamentar que os poemas sejam relativamente poucos (para tantos vícios a corrigir) e a tiragem, reduzida. Pode-se imaginar que a Ateliê Editorial logo apostará em uma segunda edição. Para concluir, reproduz-se, das ilustrações de Alexandre Benoit, a que acompanha o *portrait* transcrito acima.



Recebido em 5 mar. 2010; aprovado em 10 jun. 2010.